

Minha história com o Museu do Ipiranga

Quando se é criança as ruas parecem ser maiores, as ladeiras mais extensas, os rios mais fundos e limpos e as histórias mais reais.

Crescemos, mudamos de opiniões e nossa visão do passado pode até nos deixar surpresos até de uma forma negativa. Digo isso porque meus heróis não eram tão bons assim, nossos rios hoje mais parecem córregos, nossos museus estão abandonados e a nossa história está esquecida.

Vendo o Museu do Ipiranga fechado, com um ar de assombro e até de descaso, fico imaginando aquela criança que lá atrás via a Casa do Grito como um marco para o Brasil. Imaginava Dom Pedro gritando "Independência ou Morte", como o herói maior e que se viu chocada numa aula de História no Segundo Grau quando uma professora que dizia tudo que era de mal sobre ele, em cima de uma cadeira e o desenhava como um simples desenho infantil.

Todos na aula além de mim ficaram estarecidos, pois na infância nos foi passada a imagem totalmente distorcida dos heróis que costumávamos ver. Éramos obrigados a decorar datas, hinos, hastear bandeira, cantar o Hino Nacional toda sexta-feira, para ser depois serem desmentidos o que para mim nós era uma verdade.

Saber da quantidade de filhos que Dom Pedro tinha espalhados pelo Brasil, do seu caso com a Marquesa de Santos, de como aconteceu a Independência do país abala qualquer inocente criança que sonhava seguir seus passos um dia. Parecia que ele não se importava com nada daquilo que se mostrava ser.

A minha história com o Museu do Ipiranga sempre foi de respeito e de orgulho. Quando pequena gostava de andar pelo parque porque eu cresci visitando esta região por causa dos parentes que moravam lá.

Na maioria das minhas visitas ele encontrava-se fechado, sempre com uma doença a ser tratada.

A minha melhor visita foi quando fiz uma Visita Técnica com meus amigos do Curso de Graduação de Turismo. Pude entrar e ver os detalhes da escadaria, do famoso quadro de Pedro Américo, mas a visita foi um tanto quanto oprimida pela presença de pessoas sem qualificação para nos acompanhar, nos deixando pouco à vontade, mas mesmo assim, pude viajar nos cômodos e imaginar a magnitude daquilo tudo nos tempos passados.

Na faculdade, ainda tive um professor de História que me trouxe de volta ao meu mundo encantado. Com ele aprendi detalhes da chegada da Família Real, entendi os motivos pelos quais a História se deu e pude resgatar a minha essência. Também com toda a verdade dita mas de maneira menos traumática.

A grandeza do Museu, seus jardins, a cripta imponente, a Casa do Grito pode hoje não parecer importante para muitas pessoas que ainda não sabem apreciar a arte com um olhar diferenciado, alegando que Museu é coisa para gente velha, quando na verdade, não é bem por aí.

Eu vejo o Museu como nas histórias de palácios, com festas suntuosas, gente importante visitando, apreciando as obras nas paredes, as fontes, o jardim, se perdendo em conversas sobre arte, política e religião. Vejo esquemas corruptos por trás das conversas também, porque não sou ingênua a ponto de achar que tudo é um conto de fadas, mas mesmo assim eu não posso ficar avessa à beleza e a cultura que todo museu esconde por trás de artefatos

antigos, cortinas e móveis que hoje já não se encontram com facilidade nas lojas de shopping. Tudo que aprendi e vi em museus como o Paulista é para não esquecer jamais.

Aguardo ansiosa pela reforma e reabertura do Museu, assim como todos os apreciadores da História do Brasil. Gosto tanto de museus que gostaria de me voluntariar para ajudar na restauração das obras, na conservação de tudo, mas infelizmente não posso fazer o que tenho vontade e sim aguardar para ver o ótimo trabalho que com certeza farão.

Espero fazer mais pessoas olharem para o Museu do Ipiranga como uma obra de arte, não como um mórbido imóvel esquecido, como os casarões que andam desaparecendo na cidade.

Meu amor pelo antigo, pela História permanecerá intacto enquanto eu respirar.